

Análise bibliométrica dos artigos de RH publicados no ENANPAD na década de 1990 – Um mapeamento a partir das citações dos heróis, endogenias e jactâncias que fizeram a história recente da produção científica da área

Autoria: Miguel P. Caldas, Tatiana Tinoco, Rebeca Alves Chu

“Narciso acha feio o que não é espelho...” (Caetano Veloso)

“I often quote myself. It adds spice to my conversation.”

(George Bernard Shaw)

Abstract

Neste artigo, é usada análise bibliométrica para entender a influência de autores e instituições na produção acadêmica em Recursos Humanos no Brasil na década de 90, bem como para mapear o comportamento de auto-citações e citações à própria instituição dos autores que produziram no período. O estudo levantou, nos 290 artigos de RH publicados na década de 90 (1991 a 2000) nos anais do Enanpad, a constituição, origem e padrão de interrelação de todas as citações, autores e instituições que publicaram e foram citados na área. No total, analisou-se os padrões bibliométricos de 5815 citações, que compreendiam 342 autores, advindos de 51 instituições. Os resultados mostram uma área com alto índice de auto-citação e endogenia, e com uma elevada incidência de citação de jornais, revistas e autores estrangeiros e não acadêmicos; revelam também que Maria Tereza Fleury (FEA/USP) foi a acadêmica mais citada; que a USP, UFMG, UFRGS e a FGV-EAESP (nessa ordem) são as instituições com os autores mais citados; que a RAE é o veículo nacional mais referenciado no campo; e que alguns autores e instituições que publicaram no período têm elevada propensão à auto-citação e à consulta predominante a autores de sua própria instituição.

Introdução

Nos últimos anos, um número crescente de áreas e autores (por ex.: Organizações [MACHADO-DA-SILVA et al, 1990; BERTERO e KEINERT, 1994]; Marketing [VIEIRA, 1998, 1999, 2000, 2003; PERIN et al, 2000, BOTELHO e MACERA, 2001]; Produção [BIGNETTI e PAIVA, 1997], Operações [ARKADER, 2003]; Tecnologia de Informação [HOPPEN et al, 1998]; Finanças [LEAL et al, 2003]) têm-se dedicado à análise da produção acadêmica nacional. O objetivo tem sido verificar a qualidade do que é produzido em cada área de conhecimento da administração; no geral, tem-se mostrado que há problemas sérios e recorrentes em todas as áreas, como a falta de solidez metodológica (fato também observado por QUINTELLA [2003] em sua comparação entre o Enanpad e o Encontro da *Academy of Management*), base teórica importada, falta de relevância da pesquisa realizada e autoria com baixa diversidade de origem.

Na área de Recursos Humanos, esse tipo de análise também ganhou atenção recente. Caldas, Tonelli e Lacombe (2002) analisaram a produção na área no Enanpad entre 1990 e 2001, enquanto Tonelli et al. (2003), mais recentemente, incluíram além do Enanpad, a produção de RH veiculada nos principais periódicos nacionais. Os resultados desses dois trabalhos indicam que (i) o escopo temático da área é contestado pelo recente crescimento do campo de *comportamento organizacional*; (ii) sua base epistemológica é funcionalista; (iii) sua base metodológica é frágil, com predominância de estudos de caso ilustrativos de teoria já bem

estabelecida; e (iv) a maior parte da produção da área (65% ou mais) vem de poucos programas de pós-graduação.

Embora importantes sinais de alerta, estes estudos deixam de fazer uma análise mais aprofundada dessa produção, seja em termos de conteúdo, seja em termos do trajeto de influência de autores, instituições e publicações que serviram de base à produção acadêmica de recursos humanos no período. Ou seja, estes estudos não analisaram as citações dos artigos publicados, buscando identificar em maior detalhe *quem* e *o que* esta produção usou para basear-se e criar conhecimento, bem como *de que maneira se fez esse uso*. Este tipo de análise (“citacional” ou “bibliométrica”) é normal e corrente em outros países, e é usada como elemento para entender como um determinado campo do conhecimento foi influenciado por determinados autores, instituições, países, linhas de pensamento, veículos etc. (ver revisão em GARFIELD, 1955,1998, ; LEYDESDORFF, 1998 ou KOSTOFF, 1998).

Tentativas iniciais de fazer análise citacional já ocorreram no Brasil. Na área de economia, as pesquisas de Azzoni (1998, 2000) visaram avaliar a produtividade dos autores da área, o ranking de revistas mais importantes e a performance das instituições acadêmicas da área. Já na área de administração, os estudos de Sylvia Constant Vergara (1995, 1996, 1998), por exemplo, analisaram a nacionalidade dos autores citados na área de Organizações entre 1989 e 1998 nos artigos publicados na RAE, RAP, RAUSP e no Enanpad, e concluíram que, apesar do crescimento do número de artigos publicados e citados, a base de citações da área tem se mostrado predominantemente estrangeira – estado unidense – o que é um problema quando se pensa em proximidade entre a pesquisa e a realidade nacional.

No entanto, na área de Administração, tanto os estudos concentrados em RH (CALDAS, TONELLI E LACOMBE, 2002; TONELLI et al., 2003) quanto os estudos de citação já realizados (VERGARA, 1995, 1996, 1998; BIGNETTI e PAIVA, 2002) deixaram de prover uma análise detalhada de quais são os autores, veículos e instituições mais citados em RH no Brasil, bem como de levantar os padrões de referência dos seus principais autores (e de suas instituições de origem). Sem esse tipo de análise, por mais ricas que sejam, estes estudos e contribuições anteriores falham em evidenciar algumas importantes limitações e potencialidades de melhoria da área e de sua produção científica. Por exemplo, para qualquer um leitor da produção acadêmica em RH nos últimos anos, deve parecer curioso como alguns autores parecem fazer questão de ignorar a produção recente de outros colegas que, em outros programas, têm desenvolvido trabalho semelhante ao seu. Ou não será difícil notar que a produção de muitos desses autores ignorados fora de seus programas é amplamente citada pelos seus próprios autores e pelos seus colegas em seus programas, formando “bolsões” simultaneamente auto-referidos e ignorantes do que se faz no mesmo assunto em outros programas. Sem essa análise, não conseguimos verificar se nossa área lê a si própria; se ela foge do processo entrópico que a endogenia (em termos de excessiva auto-citação ou referência excessiva à produção do próprio programa) pode provocar; e se ela está evoluindo no processo de criação de redes inter-institucionais que a área de administração tem tanto advogado recentemente no Brasil (FISCHER, 1993), evitando que a mesma pesquisa seja feita em universidades diferentes, como é classicamente prescrito para campos científicos (MARTYN, 1965; COLE e COLE, 1973).

O objetivo deste trabalho é justamente o de contribuir no preenchimento dessa lacuna na análise da produção científica em recursos humanos no Brasil dos últimos anos. Para tanto, usamos análise bibliométrica para entender a influência de autores e instituições na produção acadêmica em Recursos Humanos no Brasil, bem como o comportamento de auto-citações e citações à própria instituição dos autores e programas que produziram na década de 90. Em termos específicos, esse tipo de análise objetivou (a) examinar o nível de auto-citação e endogenia na construção do conhecimento na área, (b) identificar quem foram os autores,

veículos e instituições mais citados, e (c) levantar os padrões de referência dos principais autores (e de suas instituições de origem) da área no período.

Do ponto de vista empírico, o estudo levantou e analisou a constituição, origem e padrão de interrelação de todas as citações, autores e instituições que publicaram nos anais do Enanpad e foram citados na década de 90 (1991 a 2000) na área de Recursos Humanos. No total, o estudo levantou, nos 290 artigos de RH publicados nesse período no Enanpad, a constituição, origem e padrão de interrelação de todas as citações, autores e instituições que publicaram e foram citados na área. No total, analisou-se os padrões bibliométricos de 5815 citações, que compreendiam 342 autores, advindos de 51 instituições.

No restante do artigo, discute-se a fundamentação teórica, a metodologia e os resultados do estudo, bem como a discussão dos achados e implicações do trabalho para a área.

Análise Bibliométrica: O uso das citações para análise das publicações científicas

A bibliometria é um conjunto de métodos de pesquisa em constante evolução, desenvolvido pela Biblioteconomia e pelas Ciências da Informação, que utiliza análises quantitativa, estatística e de visualização de dados, fundamentalmente usado para mapear a estrutura do conhecimento de um campo científico, e também como uma ferramenta primária para a análise do comportamento dos pesquisadores em suas decisões na construção desse conhecimento (Vanti, 2002). Segundo autores da área (ex.: WORMELL, 1998; VANTI, 2002), são cinco os principais tipos de metodologias utilizadas pela bibliometria: (i) Análise de citações; (ii) Análise de co-citação; (iii) Agrupamento bibliográfico; (iv) *Co-word analysis*; e (v) “Webometria”. O presente trabalho enfoca e utiliza a primeira dessas metodologias (análise de citações) e, por esse motivo, aqui iremos nos deter especificamente nesse tipo de estudo, suas origens, potencialidades, aplicações e limitações.

Origens do Uso de Citações Para Análise de Publicações Científicas

O estudo de citações, apesar de pouco difundido ainda no campo da Administração no Brasil, não é tão recente quanto possa parecer na história da ciência. O primeiro índice de citações surgiu em 1873, nos EUA: o *Shepard's Citations* (WEINSTOCK, 1971). Os primeiros índices foram construídos com base em palavras-chave, termos ou frases que apareciam nos *abstracts* e títulos dos *papers* e estavam sujeitos à subjetividade tanto por parte de quem inseria as informações no banco de dados quanto de quem procurava por um determinado assunto ou tema. A partir dessa carência, na metade da década de 1950, Eugene Garfield sugeriu a criação de um sistema de citações que “avaliasse a relevância de um trabalho e seu impacto na literatura e no pensamento do período” (GARFIELD, 1955, p. 108). Em 1961, Garfield criou então o primeiro índice de citações em genética (*Genetics Citation Index*) e estabeleceu o *Science Citation Index* (GARFIELD, 1979). Em 1973, Garfield criou o primeiro índice de citações em Ciências Sociais e, em 1978, um índice semelhante para Artes e Humanidades.

O Que Podem Indicar as Citações na Pesquisa Científica ?

A principal função das citações é fornecer ao leitor referências importantes sobre o campo de estudo em questão e a contribuição de autores predecessores para o trabalho atual. As citações simbolizam a origem ou fundamento dos conceitos e idéias que o autor discute em seu texto. Essas associações conceituais foram descritas por Merton (1983) como um reconhecimento formal de “débito intelectual” com os autores que trataram do tema anteriormente. De acordo com Vergara e Carvalho Jr (1995), as referências bibliográficas utilizadas por um autor são, além de suporte de argumentação, representação de suas

“preocupações, preferências, suposições e metodologias” (p. 170), e evidenciam o quanto aquele autor atribui de importância à determinada produção científica de um determinado país, instituição etc. Kostoff (1998) afirma que quanto menor um trabalho científico, maior a chance de ser lido em sua totalidade, uma vez que muitos dos cientistas não podem se dar o luxo de passar grande quantidade de tempo procurando extrair algo de útil um único trabalho. Nesse contexto, as citações funcionam como uma *referência condensada* a uma base de informações muito maior, e aqueles que tiverem interesse em acessá-la podem fazê-lo voltando aos originais em que o autor se baseou. Um outro papel exercido pela análise das citações é o de *ligação entre as diversas influências intelectuais* que impactam um pesquisador ou uma área específica do conhecimento: analisando o percurso dessas ligações, é possível verificar qual é a linha de pensamento seguida, ou qual é o paradigma utilizado pelos autores na construção de seu raciocínio apenas pela observação dos trabalhos, autores e veículos mais citados na pesquisa. Além desses fatores, é importante considerar também o *impacto* e os benefícios gerados por determinada pesquisa científica: a análise das citações permite, nesse caso, que se verifique o fluxo documentado e a evolução de uma determinada pesquisa ao longo do tempo e pode servir, portanto, como fonte para se avaliar ou medir o impacto – direto e indireto – de uma pesquisa em particular, de um grupo ou instituição de pesquisadores, ou ainda de veículos de divulgação científica (FUJIGAKI, 1998).

Utilizando Análise Bibliométrica na Análise de Produção Científica

No mundo são diversos os exemplos de estudos de citações nas mais diversas áreas, como por exemplo na Física, na Química, na Botânica, na Economia e menos freqüentemente na área de Administração (STREHL e SANTOS, 2002; BIGNETTI e PAIVA, 2002).

A utilização dos Índices de Citações tornou-se uma prática comum, principalmente nos EUA, servindo como fonte para remuneração dos pesquisadores de diversas áreas. Os recursos cada vez mais escassos do governo para o financiamento de pesquisas têm sido alocados de acordo com medidas de impacto das pesquisas de determinada instituição ou grupo de pesquisadores. Periódicos totalmente voltados para a publicação do impacto de outros periódicos ou de pesquisas ganham cada vez mais popularidade, como é o caso do *Journal of the American Society for Information Science*.

Naturalmente, embora potencialmente útil e rica, a análise de citações na pesquisa científica não é desprovida de crítica. Muitos autores (MACROBERTS, 1996; KOSTOFF, 1998; CARTER, 1974; MEADOWS, 1974; CHANDY e WILLIAMS, 1994) têm apontado suas limitações e os perigos de basear-se excessivamente em tais análises para mapear campos de conhecimento.

Estudo Empírico

Metodologia do Estudo

No presente artigo utilizamos a análise das citações para observar as inter-relações de conhecimento na área de Recursos Humanos com base nos artigos publicados nos Enanpads entre 1991 e 2000. O período foi escolhido por se tratar dos últimos dez anos de publicação da área de RH antes da separação da área de comportamento no Enanpad que, como evidenciaram Tonelli et al. (2003) representava 50% dos temas tratados na área e, portanto, sem dúvida uma contribuição bastante grande à base de autores referenciados. O primeiro passo da tarefa de análise das inter-relações foi a tabulação de todos os artigos publicados na área entre 1991 e 2000¹. Foram tabulados: autores, instituições declaradas de autoria e

citações feitas – nomes dos autores citados, tipo de obra (livro, artigo ou outros) e se a origem dos autores da citação era nacional ou estrangeira.

Em seguida, os autores dos artigos foram categorizados em “autores com produção acadêmica anterior ao ano de publicação” e “sem produção acadêmica anterior”. Para isso foi analisado o currículo Lattes de cada autor e, na ausência deste, foi feita uma busca em bibliotecas, livrarias e na internet para verificar se havia produção anterior divulgada. Assim, dos 290 artigos, 158 eram de autores com produção anterior. Essa divisão foi feita para que fosse possível analisar a porcentagem de auto-citações, ou seja, quanto os autores citam obras deles próprios, daqueles que possuíam o que citar, uma vez que aqueles que não possuíam obra anterior não poderiam fazer citações a obras que não possuíam.

A contagem de auto-citações é necessária uma vez que a metodologia para contagem de citações, aceita e praticada internacionalmente (GARFIELD, 1979) indica que as citações a determinado autor a serem consideradas para efeitos de classificação ou ordenamento (“ranqueamento”) são apenas aquelas não feitas por ele próprio, uma vez que é o próprio autor que controla essa variável. Foram então contados os autores citados usando dois critérios alternativos. No primeiro critério foi feita uma ponderação da base de autores citados, assim para uma obra com dois autores cada um recebeu o equivalente a $\frac{1}{2}$ citação (CHANDY & WILLIAMS, 1994). No segundo critério foi feita uma contagem simples, ou seja, independente do número de autores da obra citada, assim para a mesma obra com dois autores foi atribuída uma citação ao primeiro e outra ao segundo (seguindo o padrão do *Citation Index* – ver GARFIELD, 1979). No momento seguinte foram atribuídas as instituições de origem dos autores citados, da mesma forma como foi feita a categorização da produção anterior. Para análise da instituição de origem da citação também foram adotados dois procedimentos, de acordo com os dois critérios alternativos testados neste estudo: no primeiro a instituição é ponderada da mesma forma que os autores, na segunda é atribuída uma instituição principal à obra citada pela preponderância de autores de determinada instituição. Ou seja, se uma obra citada apresenta dois autores da UX e um da UY, a instituição preponderante é a UX. Das 5814 obras citadas, apenas para 60 não foi possível definir a instituição preponderante dessa maneira, pois eram casos de dois autores de instituições diferentes: nessas situações, foi adotada a instituição do primeiro autor como preponderante. Da mesma forma que para auto-citações, foi verificada e tabulada a ocorrência de citação à própria instituição, ou seja, se a obra citada tinha algum autor com a mesma instituição de origem do autor do artigo. Esse índice é fundamental pra compreender as relações entre os autores da mesma instituição, como veremos a seguir. Os resultados a seguir derivam do cruzamento de todos esses dados seguindo os procedimentos acima, conforme veremos na sub-seção seguinte.

Resultados do Estudo

A base de dados enfocada neste grupo é densamente povoada. Como já mencionado, a base contém *todas* as citações, autores e instituições que publicaram no ENANPAD e foram citados na década de 1990 (1991 a 2000) na área de Recursos Humanos. Como um todo, os dados provieram de 290 artigos de Recursos Humanos publicados no período nos anais do ENANPAD. A escolha do período e do veículo Anais do Enanpad foi feita para manter consistência e comparabilidade com estudos anteriores (CALDAS et al, 2002; VIEIRA, 1998, 1999, 2000; PERIN et al., 2000; BOTELHO E MACERA, 2001; HOPPEN et al., 1998; BIGNETTI e PAIVA, 1997; KEINERT, 2000). Esses 290 trabalhos continham, no total, 5814 citações, que compreendiam 342 autores, advindos de 51 instituições.

A amostra produzida nesse banco de dados revela, de *per se*, um quadro digno de menção. Por exemplo: quase 63% do total de citações no período são feitas a autores estrangeiros. Este

alto índice de referência a obras e autores não brasileiros é consistente com estudos anteriores (ex.: VERGARA, 1995, 1996, 2000; BIGNETTI e PAIVA, 2002), e reforça a preocupação corrente com um campo de estudos (em administração como um todo) talvez excessivamente *importado*. Um outro exemplo da riqueza dos dados descritivos é que eles revelam que cerca de 12% do total de citações têm como fonte revistas, jornais e fontes semelhantes, em geral sem autor específico, e via de regra, não acadêmicas. Parece de fato impressionante que uma proporção tão significativa de nossas referências tenha base proverbial. Completando o domínio do conhecimento efêmero, os dados levantados mostram que quase 7% do total de citações são feitas a autores não acadêmicos (executivos e empresários, gurus, autores profissionais de livros-texto etc.). Este dado também preocupa, e já foi apontado por outros autores (Por ex.: WOOD JR e PAULA, 2002), que enfocaram a angustiante propensão da academia e da *praxis* brasileira em administração em apoiar-se no gerencialismo de pouca ou nenhuma base científica. Ao menos é possível reconhecer que esse tipo de fonte é consistente com o uso de *Exames*, *HSMs* e *Você S.A.s*, que parecem embasar muitos de nossos autores.

Somados esses grupos acima, que muito dificilmente seriam aceitos como referência em trabalho científico em qualquer campo ou lugar nos dias de hoje, somente 29% do total de citações feitas no período são de fontes, autores e periódicos *acadêmicos e nacionais*.

A análise em maior profundidade da demografia de origem dessas citações revela muito da diversidade de referência – ou de sua falta – na área. Das citações acadêmicas nacionais, quase 47% derivam de autores de 3 instituições, e 56% de apenas 5 programas de pós-graduação, mostrando a falta de diversidade na fonte de conhecimento do campo já denunciada por outros autores (VIEIRA, 1998, 2003; VERGARA, 1995, 1996, 2000; TONELLI et al, 2003).

Tipos de Citação e Veículos Mais Citados

A grande maioria dos trabalhos citados é de livros (43% das citações), seguidos de artigos em periódicos (24%), artigos em livros (9%) e artigos em congressos (5%), como mostra a Figura 1. Focalizando apenas os artigos em periódicos e congressos (ver Figura 2), pode-se ver que as citações estão pulverizadas em muitos veículos distintos (mais representativos com não mais do que 3% das citações, no caso da RAE e dos periódicos nacionais, e de não mais do que 1,5% no caso dos periódicos estrangeiros).

FIGURA 1. TIPOS DE CITAÇÃO NA

Livro	43%
Periódico	24%
Artigo-Livro	9%
Outros	7%
Congresso	5%
Revista	3%
Dissertação	2%
Tese	2%
Jornal	2%

FIGURA 2. PRINCIPAIS PERIÓDICOS CITADOS

Principais Periódicos Internac. Citados	N	% Total Cit.
Journal of Applied Psychology	87	1,50%
HBR	63	1,08%
ASQ	49	0,84%
AMR	46	0,79%
Human Relations	38	0,65%
Principais Periódicos Nacionais Citados	N	% Total Cit.
RAE	172	2,96%
Anpad	134	2,30%
RAUSP	100	1,72%
RAP	34	0,58%
Reunião Anual de Psicologia	23	0,40%
Tendências do Trabalho	12	0,21%
RAC	8	0,14%

UFMG	48	2	38	11	19	7%	18%
UFRGS	20	1					

Um dos desafios dessa dispersão é que, na medida em que o acesso a base tão pulverizada é difícil e precário ainda hoje dia, muitos autores acabam não tendo acesso à obra original para analisar contexto e/ou detalhes do trabalho. Essa falta de acesso pode acabar elevando o número de “apuds” (leitura através de revisões de outrem, e não no original), enfraquecendo ainda mais a base de referências da área, e deixando dúvidas sobre a validação de determinados conceitos e teorias construídas com base nesse tipo de fonte.

Isolando a citação a obras em veículos nacionais (ver Figura 2), fica evidente o forte impacto da RAE e do próprio Enanpad, seguidos da RAUSP. Mas ao analisar a Figura 3), pode-se verificar que alguns desses veículos são mais prestigiados por algumas instituições, enquanto outros chegam a ser ignorados por muitos autores ou programas. A UFMG, por exemplo, tem alta incidência relativa de citação a periódicos e congressos nacionais, porém ao contrário da amostra geral, privilegia as publicações do ENANPAD do que as da RAE ou de qualquer periódico. A UFRGS segue o padrão geral em relação a artigos do ENANPAD e da RAE, mas privilegia mais fortemente citações da RAUSP do que a média das instituições. A RAUSP mostrou-se pouco citada pela UFBA, enquanto que a FEA-USP, a FGV-EAESP, a PUC-RJ e a UFPE citaram menos o ENANPAD do que a média dos programas.

Autores e Instituições Mais Citados

A Figura 4 mostra um mapa dos autores mais citados pela área no período. Como discutido anteriormente, as classificações (*rankings*) foram feitas seguindo os dois critérios: *com* e *sem* ponderação de múltipla autoria, gerando duas séries de classificação. A Figura 4 mostra também, dentro de cada série (com e sem ponderação), as classificações antes e depois de ajustar para auto-citação (ou seja, antes e depois de expurgar da contagem de citações as auto-citações, como é internacionalmente aceito e recomendado [CHANDY e WILLIAMS, 1994] em estudos deste tipo); as classificações depois de ajuste para citações feitas por autores da própria instituição; e as classificações com e sem citações estrangeiras.

FIGURA 4. AUTORES MAIS CITADOS.

<i>Autor citado</i>	<i>BASE PONDERADA</i>					<i>BASE SEM PONDERAÇÃO</i>				
	<i>Total cit.</i>	<i>Ranking das Citações</i>				<i>Total cit.</i>	<i>Ranking das Citações</i>			
		<i>s/ auto-cit</i>	<i>s/ cit. Inst.</i>	<i>todas cits.</i>	<i>cit. Nac.</i>		<i>s/ auto-cit</i>	<i>s/ cit. Inst.</i>	<i>todas cits.</i>	<i>cit. Nac.</i>
FLEURY, M.	55,67	1°	1°	1°	1°	70	1°	1°	1°	1°
CHIAVENATO, I.	30,00	2°	2°	6°	4°	30	4°	3°	11°	7°
FISCHER, R. M.	30,00	2°	10°	5°	3°	43	2°	7°	4°	3°
BERGAMINI, C.	26,50	3°	5°	9°	5°	28	6°	6°	12°	8°
BASTOS, A.	24,17	4°	6°	12°	8°	28	6°	5°	11°	7°
FERNANDES, E.	22,50	5°	3°	10°	7°	29	5°	4°	9°	5°
MOTTA, P.	22,50	5°	4°	15°	11°	22	8°	7°	16°	10°
ALBUQUERQUE, L.	21,50	6°	7°	13°	9°	22	8°	8°	14°	9°
MORAES, L.	20,91	7°	26°	14°	10°	26	7°	13°	6°	4°
FLORES, A.	20,75	8°	14°	16°	12°	29	5°	9°	9°	6°
BORGES-ANDRADE, J.	20,22	9°	9°	8°	6°	35	3°	2°	2°	2°
LEITE, M.	18,50	10°	8°	23°	13°	20	10°	8°	18°	12°
MELO, M.	17,50	11°	32°	4°	2°	16	12°	19°	10°	6°
MOTTA, F.	16,08	12°	12°	27°	15°	21	9°	10°	17°	11°
SALERNO, M.	15,25	13°	17°	31°	18°	17	11°	13°	21°	13°
LODI, J.B.	15,00	14°	11°	33°	19°	15	13°	11°	23°	15°
CAMPOS, V.	15,00	14°	15°	32°	19°	15	13°	13°	23°	15°
DA MATTA, R.	13,00	15°	13°	36°	19°	13	15°	12°	25°	16°
KILIMNIK, Z.	12,10	16°	45°	29°	16°	16	12°	18°	14°	9°
RODRIGUES, M. B.	12,08	17°	19°	39°	21°	15	13°	14°	23°	15°
SIQUEIRA, M.	11,92	19°	37°	26°	14°	9	19°	20°	18°	12°
COUTO, H.	11,33	21°	59°	30°	17°	9	19°	23°	22°	14°
ROESCH, S.	11,00	22°	44°	37°	20°	13	15°	22°	22°	14°

A nota positiva que esta análise traz é que, usando qualquer critério ou independente de qualquer ajuste, a Profa. Maria Tereza Fleury (da FEA-USP) é a autora mais citada na área no período analisado, revelando significativo impacto e durabilidade de seu trabalho e pesquisa ao longo do tempo. Ainda na dimensão positiva, muitos dos autores mais citados mantêm suas classificações (ou mostram variação muito pequena) após serem expurgadas auto-citações ou feitas ponderações e reduções por múltipla autoria. Alguns autores, como Jairo Borges-Andrade, da UnB, e Affonso Fleury, da USP, sofrem grande – e em grande medida *injusta* – variação na classificação em função de que trabalham comumente com múltipla autoria. Analisando-se a produção desses autores, e de outros com semelhante perfil, é possível perceber que o critério de ponderação, embora lógico e razoável, além de recomendado em vários estudos semelhantes (CHANDY e WILLIAMS, 1994), pode contra-incentivar práticas saudáveis de cooperação e de linhas de pesquisa inter-institucionais, dos quais nosso campo tanto parece precisar. Por outro lado, autores que defendem a aplicação do critério de ponderação contra-argumentam que, para cada bem intencionado e positivo autor efetivamente colaborativo, há outros tantos que, por terem tão somente revisto ou opinado sobre trabalho alheio (muitas vezes, de alunos), demandam co-autoria e, daí, inflacionam sua base de publicações (e futuramente de citações). Como é difícil separar joio do trigo, e ambas as práticas não são incomuns na área, parece ser fundamental que o campo debata e defina princípios tanto éticos e de comportamento para autoria e citação, como de classificação para estudos desta natureza. É digno de observação que, tal como previam alguns críticos ao método, a maioria dos autores melhor classificados na amostra tem de fato história mais longa no campo do que os demais. Isto reforça a necessidade do campo discutir sobre o critério desse tipo de classificação incluir ou não um ajuste ou ponderação em relação à idade da produção acadêmica do autor, visando a mensuração mais precisa do impacto efetivo da sua produção científica média.

FIGURA 5. INSTITUIÇÕES NACIONAIS MAIS CITADAS

INSTITUIÇÃO CITADA	BASE PONDERADA				BASE SEM PONDERAÇÃO			
	TOTAL CIT.	RANKING DAS CITAÇÕES S/ AUTO-CIT.	S/ CIT. INST.	CIT. NAC.	TOTAL CIT.	RANKING DAS CITAÇÕES S/ AUTO-CIT.	S/ CIT. INST.	CIT. NAC.
USP	351,33	1º	1º	1º	460	1º	1º	1º
UFMG	261,52	2º	4º	2º	385	2º	4º	2º
UFRGS	184,58	3º	3º	3º	266	3º	3º	3º
FGV-EAESP	153,17	4º	2º	4º	202	4º	2º	4º
UNB	86,98	5º	6º	5º	185	6º	5º	5º
UNICAMP	80,67	6º	5º	6º	91	5º	6º	7º
UFBA	72,58	7º	7º	7º	106	7º	7º	6º
PUC-RJ	46,33	8º	8º	9º	56	8º	8º	9º
FGV-EBAPE	45,67	9º	9º	8º	57	9º	9º	8º
UFSC	40,00	10º	13º	10º	50	10º	11º	10º
UFPB	35,83	11º	11º	11º	45	11º	16º	11º
UFRN	30,83	12º	18º	12º	39	13º	21º	12º
UFRJ	30,50	13º	10º	13º	36	12º	10º	13º
UFPE	29,00	14º	13º	14º	36	13º	13º	13º
UNIFOR	20,25	15º	14º	15º	26	14º	14º	14º
PUC-SP	19,00	16º	12º	16º	22	14º	12º	15º
UFES	13,50	17º	17º	17º	16	15º	15º	17º
UNESP	13,33	18º	15º	18º	20	16º	13º	16º
UFF	12,50	19º	16º	19º	13	17º	17º	18º
UFPR	11,00	20º	19º	20º	12	18º	18º	19º

A nota negativa trazida por esta análise da classificação dos autores mais citados tem ao menos dois registros. Primeiro, a lamentável presença em alta posição na classificação de autores como Chiavenato e Lodi, que não são (ou eram) – ou há muito não são mais – acadêmicos, mas autores profissionais de livros-texto. É mais um registro da já comentada base frágil da nossa área, e que sem dúvida devemos procurar superar na produção científica do campo. O segundo registro negativo é a significativa alteração (para baixo) de classificação de alguns autores quando se faz o ajuste para auto-citação. Em outras palavras, como mais adiante revelaremos no dado agregado, a preocupação com a existência de abusiva auto-citação em nosso campo não parece descabida, ao contrário do que previa Garfield (1979) para o contexto norte-americano, pois nossos periódicos e congressos não parecem ter ativados os mecanismos para coibir e proteger-se desse tipo de excesso.

Com exceção dessa classificação de autores mais citados, e por respeito à privacidade dos profissionais envolvidos, os demais dados que apresentaremos serão agregados por instituição, não enfocando resultados individuais. Afinal, há limites de ousadia e de legitimidade para apontar e discutir atos ou omissões de tanta gente. Quando analisamos a classificação das instituições mais citadas no período (ver Figura 5), nota-se uma preocupante ausência de diversidade que acompanha o que estudos anteriores (VIEIRA, 1998, 2003; VERGARA, 1995, 1996, 2000; TONELLI et al, 2003) apontam para o caso de autoria: cerca de 47% das citações nacionais *acadêmicas* da área no período é feita a autores que provêm de três instituições: USP, UFMG, UFRGS; cerca de 55% provêm de apenas 5 programas. Uma importante constatação da pesquisa é que nem todas as instituições que mais produziram no período de acordo com pesquisas anteriores (Caldas et al., 2002) foram as que mais foram citadas: obras de pesquisadores da Unicamp e da UnB, por exemplo, tiveram forte impacto na produção da área no período, mesmo quando elas não foram tão representativas na escala de autoria. A alta importância da Unicamp, que não possui curso de administração, parece dever-se à significativa expressão de pesquisadores daquela instituição em temas como

economia e sociologia do trabalho, saúde do trabalho etc. Parece ser importante que a área reveja e aprofunde os laços inter-instituição com universidades que, como esta, podem fortemente interagir com nossos autores.

Olhando Para Fora ou Para o Próprio Quintal

FIGURA 6. PROCEDÊNCIA DAS CITAÇÕES - % DO TOTAL DE CITAÇÕES FEITAS NO ARTIGO – CLASSIFICAÇÃO POR INSTITUIÇÃO

<i>Inst. de origem do autor</i>	<i>% Cit. Estrangeiras</i>	<i>% Cit. A própria inst.</i>	<i>% Cit. Nacionais a própria inst.</i>
EAESP	79%	10%	49%
USP	68%	18%	56%
UFBA	66%	7%	22%
UNB	64%	17%	48%
UFPE	62%	6%	16%
UFMG	58%	14%	34%
UFPB	55%	9%	21%
UFRGS	54%	16%	34%
UFSC	53%	11%	24%
UFRN	52%	12%	26%
EBAPE	45%	8%	14%

A Figura 6 mostra um interessante perfil do padrão de citação na amostra, relativo à excessiva participação de (i) autoria estrangeira e (ii) de citação de obras da própria instituição.

No que tange à participação da referência estrangeira, os dados revelam que nada menos de 63% do total de citações no período são feitas a autores estrangeiros. Este alto índice de referência a obras e autores não brasileiros é consistente com estudos anteriores (ex.: VIEIRA, 1998, 2003; VERGARA, 1995, 1996, 2000; ARKADER, 2003), e reforça a preocupação corrente com um campo de estudos (em administração como um todo) talvez excessivamente *importado*. Quando analisada a distribuição desse padrão de citação por instituição, percebe-se que a base de citações está realmente muito concentrada. A maioria dos autores citados provém do exterior ou da própria instituição do autor. Isto pode revelar uma preocupante falta de conhecimento, interesse ou qualificação do que é

produzido nacionalmente (a não ser do que provenha da própria instituição do autor). Os casos da FGV-EAESP e da USP representam bem isso: no primeiro caso, 79% da base citada é internacional e, dos autores nacionais, quase 50% são autores da própria instituição; no caso da USP, 68% da base de autores citados é de autores internacionais, e 56% do restante é da própria instituição. Apesar de mais extremos, esses dois casos não são uma exceção na amostra. Quando a presença estrangeira não é majoritária, prevalece a referência a obras da própria instituição. Realmente, na Figura 7, temos o relacionamento entre as instituições (o quanto uma cita a outra). Sem exceção, excluída a citação estrangeira, a maioria das citações é feita a obras advindas da própria instituição do autor, confirmando a tabela anterior: USP (com 18% do total das citações à própria instituição), UnB (com 17%) e UFRGS (com 16%) encabeçam essa tendência. Percebe-se que a tão recomendada (FISCHER, 1993) construção de redes e maiores relações inter-institucionais na área é de fato necessária e premente.

FIGURA 7. RELACIONAMENTO ENTRE INSTITUIÇÕES - % DE REFERÊNCIAS A OUTRAS INSTITUIÇÕES.

		INSTITUIÇÃO DE ORIGEM DO AUTOR DO ARTIGO											
		UFMG	UFRGS	USP	UFBA	EAESP	UFPE	UFSC	UFRN	UNB	UFPB	EBAPE	PUC-RJ
INSTITUIÇÃO DO AUTOR DA CITAÇÃO	EXTERIOR	58%	54%	68%	66%	79%	62%	53%	52%	64%	55%	45%	61%
	USP	5%	5%	18%	3%	4%	7%	7%	4%	4%	5%	5%	8%
	UFMG	14%	2%	1%	3%	0%	1%	4%	3%	0%	3%	0%	1%
	EAESP	2%	2%	1%	2%	10%	1%	2%	5%	1%	4%	3%	2%
	UFRGS	2%	16%	0%	2%	0%	3%	5%	5%	1%	1%	2%	1%
	UNB	1%	1%	1%	3%	0%	0%	1%	1%	17%	0%	1%	1%
	UNICAMP	2%	3%	1%	1%	0%	0%	1%	3%	0%	0%	1%	1%
	UFBA	1%	1%	1%	7%	0%	0%	0%	1%	7%	1%	1%	1%
	EBAPE	1%	0%	0%	1%	0%	0%	0%	1%	0%	1%	8%	3%
	PUC-RJ	1%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	1%	0%	1%	0%	8%
	UFSC	0%	1%	0%	0%	0%	0%	11%	0%	0%	0%	0%	0%
	UFPB	0%	0%	0%	0%	0%	1%	1%	0%	0%	9%	1%	0%
	UFRN	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	12%	2%	0%	0%	0%
	UFRJ	0%	1%	1%	0%	0%	0%	0%	1%	1%	0%	0%	2%
	UFPE	0%	0%	0%	1%	0%	6%	0%	0%	0%	1%	1%	1%

“De Acordo Comigo,...”: Incidência e Padrões de Auto-citação

Um dos resultados mais expressivos do estudo é, sem dúvida, o elevado índice de auto-citação, e como tal prática constitui um padrão razoavelmente consistente por instituição de origem do autor. De certa forma, este tipo de análise revela a ocorrência do “narcisismo acadêmico” médio na área, e forma pela qual tal tipo de padrão se reproduz no campo. Como mostra a Figura 8, muitas das instituições mais citadas no período apresentam incidência significativa de auto-citação. O interessante desse quadro é mostrar a incidência por artigo de auto-citações, atenuando o argumento de que a auto-citação se justificaria quando o autor cita um único estudo de origem (tese, projeto de pesquisa etc.) que origina o artigo. Pelo levantamento, embora exista, essa tendência de auto-citação unitária não é prevalecente na amostra estudada. Quando agregamos estes padrões de auto-citação por instituição e não por autor, como é feito neste trabalho, autores com baixa auto-citação por terem pouco o que citar podem distorcer a incidência desse tipo de padrão para baixo. Por esse motivo, levantamos a produção anterior de todos os autores nacionais citados no período. Com base nessa informação, recalculamos os índices de incidência de auto-citação apenas para aqueles autores que tinham produção passível de auto-citação no ano de publicação do trabalho. Os dados são mais uma vez expressivos e denotam a significativa incidência (ou seja, mais do que mera ocorrência unitária, múltipla ocorrência por artigo) de auto-citação no período. Usando essa base, 70% das Instituições cujos autores tinham produção anterior apresentam artigos com pelo menos uma auto-citação, e uma parte expressiva de autores da amostra têm elevada incidência de 3, 4 ou até mais auto-citações por artigo. Um autor analisado, no período, se auto-citou nove vezes em um único artigo !

FIGURA 8. INCIDÊNCIA DE AUTO-CITAÇÕES - % DE ARTIGOS COM MÚLTIPLAS AUTO-CITAÇÕES - CLASSIFICAÇÃO POR INSTITUIÇÃO DE ORIGEM DO AUTOR.

INSTITUIÇÃO DE ORIGEM DO AUTOR	TOTAL DE ARTIGOS						ARTIGOS DE AUTORES C/ PRODUÇÃO ANTERIOR					
	Nº de Auto-citações por artigo						Nº de Auto-citações por artigo					
	0	1	2	3 ou +	4 ou +	5 ou +	0	1	2	3 ou +	4 ou +	5 ou +
UNB	37%	11%	0%	53%	53%	42%	0%	17%	0%	83%	83%	67%
UFRN	44%	50%	0%	6%	6%	6%	0%	89%	0%	11%	11%	11%
UFMG	51%	24%	10%	14%	9%	6%	31%	34%	14%	20%	12%	9%
UFPB	57%	29%	0%	14%	14%	14%	40%	40%	0%	20%	20%	20%
USP	57%	22%	11%	9%	4%	0%	39%	32%	16%	13%	5%	0%
UFRGS	60%	10%	21%	9%	4%	0%	33%	18%	35%	15%	8%	0%
UFBA	60%	30%	0%	10%	0%	0%	27%	55%	0%	18%	0%	0%
UFSC	65%	24%	12%	0%	0%	0%	33%	44%	22%	0%	0%	0%
FGV-EBAPE	69%	0%	15%	15%	0%	0%	0%	0%	50%	50%	0%	0%
FGV-EAESP	73%	7%	20%	0%	0%	0%	64%	9%	27%	0%	0%	0%
UFPR	75%	25%	0%	0%	0%	0%	0%	100%	0%	0%	0%	0%
UFPE	83%	17%	0%	0%	0%	0%	25%	75%	0%	0%	0%	0%
PUC-RJ	93%	0%	7%	0%	0%	0%	80%	0%	20%	0%	0%	0%

“De Acordo Conosco,...”: Incidência e Padrões de Citação à Própria Instituição

Muitos dos autores da amostra – e, no agregado, suas instituições – podiam não ter grande incidência de auto-citação, mas privilegiavam citações à própria instituição, como vimos nas Figuras 6 e 7. No entanto, cabe aqui analisar – como fizemos com auto-citação – a incidência desse padrão de citação à própria instituição. Ou seja, cabe discernir entre aqueles que citam obras da própria instituição uma única vez daqueles que o fazem múltiplas vezes por artigo. Se a análise de incidência de auto-citação media algo como o nosso “narcisismo acadêmico”, a análise de incidência de citações à própria instituição mediria algo semelhante ao “ufanismo” ou “bairrismo” acadêmico na nossa produção. Como ilustra a Figura 9, muitas das instituições com alta incidência de auto-citação por artigo também apresentam alta incidência de citações à própria instituição por publicação. As mais altas incidências e algumas das classificações em auto-citações se repetem ou chegam perto disso no que tange a citações da própria instituição. Esta semelhança tem uma certa coerência: afinal, quando os autores se auto-citam, eles também estão citando muito à própria instituição. Por outro lado, a comparação da Figura 9 com a Figura 8 revela diferenças sutis entre as duas classificações, mostrando que algumas instituições apresentam elevada incidência de citações à própria instituição mesmo quando os autores não se auto-citam tanto, como pode-se notar ser o caso de instituições como a FGV-EAESP e a UFPB.

FIGURA 9 – INCIDÊNCIA DE CITAÇÕES À PRÓPRIA INST.

UNB	37%	5%	16%	42%	42%	42%
UFRN	38%	13%	19%	31%	19%	19%
UFPB	43%	14%	14%	29%	29%	29%
FGV-EAESP	53%	13%	7%	27%	20%	7%
UFBA	55%	15%	10%	20%	10%	10%
UFSC	59%	0%	12%	29%	18%	18%
FGV-EBAPE	62%	0%	8%	31%	15%	0%
USP	70%	4%	7%	19%	13%	9%
PUC-RJ	71%	14%	0%	14%	7%	0%
UFPE	72%	11%	11%	6%	6%	0%
UFRGS	73%	4%	3%	19%	13%	10%
UFMG	76%	2%	3%	19%	15%	13%
UFPR	88%	13%	0%	0%	0%	0%

Como ilustra a Figura 9, muitas das instituições com alta incidência de auto-citação por artigo também apresentam alta incidência de citações à própria instituição por publicação. As mais altas incidências e algumas das classificações em auto-citações se repetem ou chegam perto disso no que tange a citações da própria instituição. Esta semelhança tem uma certa coerência: afinal, quando os autores se auto-citam, eles também estão citando muito à própria instituição. Por outro lado, a comparação da Figura 9 com a Figura 8 revela diferenças sutis entre as duas classificações, mostrando que algumas instituições apresentam elevada incidência de citações à própria instituição mesmo quando os autores não se auto-citam tanto, como pode-se notar ser o caso de instituições como a FGV-EAESP e a UFPB.

Intensidade e Representatividade de Auto-citação e de Citação à Própria Instituição

Até agora, um aspecto de grande importância deixou de ser refletido: o quanto essas auto-citações ou citações à própria instituição representam do total de obras citadas em cada artigo. Em outras palavras, há uma grande diferença (até agora não explicitada) se um autor faz, por um lado, três auto-citações em um texto com um total de nove referências, ou se um autor, por outro lado, faz as mesmas três auto-citações em um texto com um total de trinta referências. Nas análises feitas até agora (sobre *incidência*) ambos mostram-se como autores que se auto-

FIGURA 10. INTENSIDADE/ REPRESENTATIVIDADE DE AUTO-CITAÇÕES POR INSTITUIÇÃO - % DE AUTO-CITAÇÕES E CITAÇÕES À PRÓPRIA

INSTITUIÇÃO	AUTO CITAÇÕES	CITAÇÕES A PRÓP. INST.
UEPB	18%	40%
ESAL	17%	33%
MACKENZIE	13%	25%
UFSCAR	21%	21%
UNB	16%	21%
UFC	20%	20%
IMES	0%	19%
UCAM	9%	18%
UFMT	0%	18%
CRT	12%	18%
USP	5%	16%
UFMG	5%	15%
UFRGS	5%	13%
UFPB	4%	13%
UFRN	4%	13%
UFSC	3%	12%
PUC-RS	9%	11%
FUMECMG	0%	11%
FGV-EAESP	2%	10%
PUC-SP	5%	10%
UFRJ	6%	10%
UNISINOS	8%	10%

citam três vezes no mesmo artigo, na análise feita a seguir (sobre *intensidade* ou *representatividade*), o primeiro se auto-cita em um terço de suas referências, enquanto que o segundo se auto-cita em apenas 10% das referências que faz. A Figura 10 permite visualizar que muitas instituições que parecem ter “cultura” de auto-citação e citação à própria instituição de elevada intensidade: ou seja, autores dessas instituições parecem ver como natural que 15 ou 20% das citações em seus trabalhos citem a si próprios, ou que 15, 25 ou até 40% das referências feitas sejam a autores de suas próprias instituições. É bom aqui lembrar que a medida de auto-citação e de citação à própria instituição da Figura 10 apresenta-se diluída pelo total de autores da instituição no período: ou seja, mesmo aqueles que não tinham o que citar à época da publicação estão considerados na contagem do total de auto-citações feitas, aumentando o denominador e portanto diminuindo o quociente da equação. Esse tipo de alta intensidade de auto-citação aparece não apenas em instituições com elevada produção, mas também em instituições com menor volume de

trabalhos passíveis de citação. Como muitos desses novos programas parecem estar sendo formados de egressos dos programas maiores ou mais tradicionais, a idéia de que esse padrão de comportamento auto-referente possa estar sendo difundido a partir de pesquisadores e de ex-alunos dos principais programas de pós-graduação do país pode ganhar força. Seria mais um motivo para provocar o debate, no próprio âmbito da Anpad, sobre comportamentos “adequados” de autoria e referência, e sobre o combate à endogenia acadêmica em nossa área.

Discussão e Conclusões

De forma geral, os resultados da pesquisa apontam para problemas intrincados e limitações estruturais do desenvolvimento da produção acadêmica da área de Recursos Humanos na década de 90. O que esta pesquisa revela, e como tais revelações podem ser usadas para superar os desafios de desenvolvimento da área? Trabalhos e pesquisas como o que aqui empreendemos poderiam ser acusados de meramente dedicar-se à contemplação retrospectiva e passiva do desenvolvimento de áreas de conhecimento. De fato, é muito mais fácil apontar padrões de comportamento e ação em amplas bases de dados, e daí criticar a área, seus problemas e nós, seus autores, do que apontar caminhos de superação desses problemas e de melhoria do campo como um todo. Nesta seção, além de discutir os resultados da pesquisa

como um todo, procuramos concluir o trabalho apontando sugestões ao campo para lidar com os principais problemas e limitações apontados na produção de RH da década de 90 no ENANPAD.

Dos achados da pesquisa, o primeiro foi a forte incidência de citações a textos gerencialistas e de fontes institucionais ou não acadêmicas. De fato, a citação de textos (muitas vezes sem sequer um autor declarado) veiculados em publicações como *Exame*, *HSM* etc. como base de “fundamentação” de nossos trabalhos é, por si só, um lamentável atestado que boa parte da área passa ao mundo de sua fraqueza teórica. Talvez também possa derivar daí a popularidade dessas publicações como fonte de “conhecimento”: afinal, nós mesmos estamos adotando, indicando e referendando essas fontes. Por esse motivo, a primeira sugestão à área.

Sugestão à área S1: revisar os critérios de avaliação, aumentando a seletividade nos processos de revisão de artigos submetidos aos principais veículos (periódicos e congressos) nacionais, dificultando o aceite de trabalhos com base conceitual academicamente questionável.

Uma segunda linha dos resultados mostrou a intensa pulverização de fontes de referências (especialmente periódicos e congressos) que são citadas na área na década de 1990. A natureza razoavelmente consistente de utilização intensiva – ou ignorância persistente – de muitos dos principais veículos nacionais pelos programas mostra que o que é “bom” ou “mal” periódico ou congresso, e daí o conceito do que “vale a pena” ser lido e conhecido, é muito dependente do processo cultural e de socialização vivido em cada programa. Foi isso que nos levou a fazer a seguinte sugestão à área.

Sugestão à área S2: discutir os critérios e empreender uma revisão comparativa (estruturada) da qualidade e da extensão de impacto da publicação nos veículos nacionais.

Em essência, a sugestão S2 sugere que é possível que tenha chegado o momento, na área de administração, de ser melhor estruturada a análise comparada de qualidade e a extensão de impacto da publicação em cada um de seus veículos. Se o campo não empreender tal esforço, ao que tudo indica, cada programa continuará com sua versão do que vale a pena ou não ler.

O outro resultado que é muito evidente é o que demonstra a grande concentração de autores citados em poucos programas: como discutido acima, esse tipo de concentração excessiva pode ameaçar a diversidade de referências da área como um todo, o que por sua vez constitui um dos principais direcionadores da endogenia, como discutimos adiante. Isto nos leva à terceira sugestão à área.

Sugestão à área S3: facilitar o acesso à pesquisa inter-instituição, incentivar a intensificação do intercâmbio e o aumento de diversidade institucional das referências.

Como campo de conhecimento, a área de RH não pode furtar-se a influenciar o processo que hoje leva cada instituição e seus autores a ignorar boa parte do que os demais produzem. Mecanismos de acesso à pesquisa feita em outros programas e os meios para financiá-los podem ser, portanto, tópicos frutíferos de discussão na área nos próximos anos.

Um próximo resultado, que confirma pesquisa anterior no campo, aponta a tendência predominante à citação estrangeira e à própria instituição na maioria dos programas. Na prática, isto implica no risco da endogenia em campos científicos: sabemos que, para produzir um trabalho científico, é necessário mostrar que se sabe o que foi produzido antes e, portanto, que o trabalho apresenta conteúdo incremental (Fujigaki, 1998). Quando ocorre a endogenia, ou seja, quando a rede de trabalhos conhecidos e que servem de base para evolução é pequena, e há pouco relacionamento e pouco incremento de conhecimento em uma

determinada área, pode-se dizer que essa área pode ceder à entropia. Este tipo de processo, pensado no contexto brasileiro, nos faz pensar em duas outras sugestões à área.

Sugestão à área S4: *Facilitar e incentivar (via revisão dos critérios de avaliação dos programas, ou dos recentemente propostos processos de certificação institucional) a limitação da referência à própria instituição e aumento de redes inter-institucionais.*

Sugestão à área S5: *Viabilizar e incentivar a formação de programas e linhas de pesquisa, bem como programas de pós-graduação, inter-institucionais, que aproximem e disseminem mais a pesquisa nacional e promovam o intercâmbio de referências.*

No que tange aos resultados de auto citação e de citação da própria instituição, os dados da amostra evidenciam certa coerência por programa, sugerindo padrões de comportamento aprendidos dentro de cada instituição, que são propagados na socialização de novos docentes, na formação de egressos (críticas à falta de “publicação da casa” em defesas de dissertações e teses etc.) e assim por diante. Duas sugestões à área se apresentam a partir dessa constatação.

Sugestão à área S6: *Debater, talvez no âmbito do Enanpad, o que seriam padrões “adequados” de comportamento de autoria e de referência para o nosso contexto, e quais os procedimentos e metodologias corretos para medir e limitar auto-citação e citações da própria instituição no campo. Como essas discussões ultrapassam os limites da área de RH, promover trabalhos de investigação como o aqui empreendido nas demais áreas.*

Por fim, os resultados em torno da representatividade de auto-citações é preocupante, e parece mostrar padrões razoavelmente consistente em cada programa, como se esse tipo de comportamento fosse reproduzido em seus egressos nas suas instituições de destino. Surge daí nossa última sugestão à área.

Sugestão à área S7: *Discutir no âmbito do Enanpad as limitações de eficácia do padrão auto-centrado de autoria e referência, bem como formas de combater a endogenia que o excesso de auto-citações ou citações “do próprio quintal” podem produzir em nossa área.*

Tomando-as como um todo, as conclusões sobre a pesquisa e as sugestões acima sugerem que, mais do que mapear limitações, pesquisas como esta devem *ativamente engajar-se*, mesmo pela provocação e por sugestões (passíveis de amplo debate e crítica), na indicação de caminhos e soluções para os problemas de desenvolvimento que apontam. Não nos esquivamos de fazer tais indicações, e esperamos ajudar em um debate que outros autores e trabalhos já começaram na área e no campo de administração como um todo. A melhor notícia, por outro lado, é de que boa parte das soluções está dentro de nosso controle: dependem, tal como as vemos, mais de nós mesmos, autores e pesquisadores atuantes na área, do que de quem quer que seja. Só dependem de nós mais rigorosos critérios de seleção de trabalhos e de avaliação de veículos; depende apenas de nós a criação de códigos de conduta para autores e instituições na autoria e citação de referências; somente de nós depende a criação e difusão de balanços sobre o que fizemos e sobre como fizemos. Assim como só de nós dependeu a evolução da área até hoje – afinal, quando falamos dos problemas da área, não falamos de outrem: falamos todos do que *nós* fizemos, e do que poderíamos ter feito diferente, ou melhor. Isso faz os problemas e limitações estruturais que encontramos no desenvolvimento recente da área mais palatáveis e superáveis. Porque seu tratamento e superação dependerão, em última análise, de nossa própria ação. É claro que as sugestões feitas estão tão longe de serem exaustivas quanto estão de serem simples. Mas sabe-se muito bem que o desenvolvimento e melhoria de campos científicos é uma tarefa gradual e coletiva. Este é apenas mais um passo em uma área que se descobre e re-descobre continuamente.

Referências Bibliográficas

- ARKADER, R. A pesquisa científica em gerência de operações no Brasil. *Revista de Administração de Empresas*, v. 43, n. 1, p. 70-79, 2003.
- AZZONI, Carlos R. "Clássicos" da literatura econômica brasileira: trabalhos e autores mais citados nas nossas revistas acadêmicas. *Economia Aplicada*, v. 2, n. 4, p. 771-780, 1998.
- AZZONI, C. R. Desempenho das revistas e dos departamentos de economia brasileiros segundo publicações e citações recebidas no Brasil. *Economia Aplicada*, 4(4):786, 2000.
- BERTERO, Carlos O.; KEINERT, Tânia M.M. A evolução da análise organizacional no Brasil (1961-93). *Revista de Administração de Empresas*, v. 34, n. 3, p. 81-90, 1994.
- BIGNETTI, L. P. e PAIVA, E.L. Estudo das citações de autores de estratégia na produção acadêmica brasileira. In: ENANPAD, 21º, 1997, Produção Industrial e Serviços.
- BIGNETTI, L; PAIVA, E. Ora (direis) ouvir estrelas! Estudo das citações de autores de estratégia na produção acadêmica brasileira. *Revista de administração contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 85-104, jan./abr. 2002.
- BOTELHO, Delane, MACERA, Andrea. Análise metateórica de teses e dissertações da área de marketing apresentadas na FGV-EAESP (1974-1999). In: ENANPAD, 25º, 2001, Campinas. Anais... Campinas: Anpad, 2001. Marketing.
- CALDAS, M.; TONELLI, M.; LACOMBE, B. Espelho, espelho meu: Meta-estudo da Produção científica em Recursos Humanos nos ENANPADs da década de 90. In: ENANPAD, 26º, 2002, Salvador. Anais... Salvador: Anpad, 2002
- CHANDY, P. R. ; WILLIAMS, T.G. The impact of Journals and authors on International Business Research : A citation analysis of JIBS articles. *Journal of International Business Studies*.v. 25 n.4, p. 715-728. 1994.
- COLE, J.R. E COLE, S. *Social Stratification in Science*. Chicago: U of Chicago Press, 1973.
- FISCHER, T. A formação do administrador brasileiro na década de 90: crise, oportunidade e inovações nas propostas de ensino. *RAP*. v. 27, n. 4, p. 11-20. out/dez 1993
- FUJIGAKI, Y. The Citation System, *Scientometrics* 43, 77-85. 1988.
- GARFIELD, E., "Citation Indexes for Science," *Science*, 122, 108. 1955.
- GARFIELD, E. *Citation Indexing: Its theory and application ins Science, Technology and Humanities*. New York. Willey, 1979.
- HOPPEN, N., AUDY, J.L.N., ZANELA, A.I.C., CANDOTTI, C.T., SANTOS, A M., SCHEID, R. PERIN, M.G., MECCA, M.S. e PETRINI, M. Sistemas de Informação no Brasil: uma análise dos artigos científicos dos anos 90. In: ENANPAD, 22º, 1998, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu: Anpad, 1998. Administração da Informação.
- KEINERT, Tânia M. O que é administração pública no Brasil? In: ENANPAD, 24o, 2000, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Anpad, 2000. Marketing.
- KOSTOFF, Ronald N. The Use and Misuse of Citation Analysis in Research Evaluation, *Scientometrics* 43, 27-43. 1998.
- LEAL, R.; OLIVEIRA, J.; SOLURI, A. Perfil da Pesquisa em Finanças no Brasil. *Revista de Administração de Empresas*, v. 43, n. 1, p. 91-104, 2003.
- LEYDESDORFF, Loet. Theories of Citation? *Scientometrics* v.43, p. 5-25. 1998
- MACHADO DA SILVA, Clóvis L., CUNHA, Vera C., AMBONI, Nério. Organizações: o estado da arte da produção acadêmica no Brasil. In: ENANPAD, 14º, 1990, Florianópolis..
- MACROBERTS, M.H. e MACROBERTS, B.R. Problems of citation analysis. *Scientometrics*. v.36. p.435-444. 1996.

- MARTYN, J. "An Examination of Citation Indexes," *Aslib Proceedings*, 17(6), 184. 1965.
- MERTON, R. K. Foreword. (Garfield E) *Citation indexing--its theory and application in science, technology, and the humanities*. Philadelphia: ISI Press, p. vi (1983).
- PERIN, Marcelo G., SAMPAIO, Cláudio H., FROEMMING, Lurdes M. S., LUCE, Fernando B. A pesquisa survey em artigos de marketing nos Enanpads da década de 90. In: ENANPAD, 24o, 2000, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Anpad, 2000.
- QUINTELLA, R. Encontro nacional da Anpad x Meeting of AOM: Lições, questionamentos e especulações. *Revista de Administração de Empresas*. V. 43, n.3, p. 107-115. 2003.
- TONELLI, M.; CALDAS, M.; LACOMBE, B.; TINOCO, T. Produção Acadêmica em Recursos Humanos no Brasil: 1991-2000. *RAE*, v. 43, n. 1, p. 105-122, 2003.
- VANTI, N. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da Informação e a difusão do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 152-162, maio/ago. 2002.
- VERGARA, Sylvia C., CARVALHO JR., Dourival de S. Nacionalidade dos autores referenciados na literatura brasileira sobre organizações. In: ENANPAD, 19º, 1995, João Pessoa. Anais... Rio de Janeiro : Anpad, 1995. Vol. 6. Organizações. p. 169-88.
- VERGARA, Sylvia Constant. & CARVALHO JR., Dourival de Souza. Refletindo sobre as possíveis conseqüências da análise organizacional apoiada em referências estrangeiras. *RAP*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. v. 30, n.6, 1996
- VERGARA, S., PINTO, M. C. S. "Nacionalidade das referências teóricas em análise organizacional: um estudo das nacionalidades dos autores referenciados na literatura brasileira." In: ENANPAD, 1º, 2000, Curitiba. Anais...Curitiba, 2000.
- VIEIRA, F. G. Narciso sem espelho: A publicação brasileira de marketing. *Revista de Administração de Empresas*, v. 43, n. 1, p. 81-90, 2003.
- VIEIRA, Francisco G. D. Ações empresariais e prioridades de pesquisa em marketing: tendências no Brasil e no mundo segundo a percepção dos acadêmicos brasileiros. In: ENANPAD, 23º, 1999, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu: Anpad, 1999. Marketing.
- VIEIRA, Francisco G. D. Panorama acadêmico-científico e temáticas de estudos de marketing no Brasil. In: ENANPAD, 24º, 2000, Florianópolis. Anais... RJ : Anpad, 2000. Marketing.
- WOOD JR, T.; PAULA, A. Pop-Management: Pesquisa sobre as revistas populares de gestão no Brasil. 2002. In: ENANPAD, 26º, 2002, Salvador. Anais... Salvador: Anpad, 2002
- WORMELL, I. Informetria: explorando bases de dados como instrumentos de análise. *Ciência da Informação*, Brasília, v.27, n. 2, p. 210-216, maio/ago. 1998.

¹ Os autores gostariam de reconhecer e agradecer a colaboração de Caldas, Tonelli e Lacombe, que compartilharam conosco a lista de artigos que pesquisaram em seu artigo (2002) e alguns de seus dados que permitiram a comparabilidade dos seus resultados com esta pesquisa.